

ECUMENICIDADE COMO VIVÊNCIA: UM CAMINHO DIALÓGICO

Rosemary Fernandes da Costa¹

Resumo

Apresentamos uma reflexão a partir da vivência do ecumenismo em movimentos de juventudes que articulam a fé e a política, a espiritualidade e a ética, a abertura para o transcendente e o enraizamento histórico. A ecumenicidade é o estado do que é ecumênico, é a vivência, é a integração entre o pensar e o agir, é a mística que inspira, aquece e movimenta. São experiências que nos interpelam e nos convocam a retomarmos as fontes mais puras e profundas e os caminhos históricos do diálogo.

Palavras-chave

ecumenismo – vivência ecumênica – juventudes – ecumenicidade – fé e política

Introdução

Não é de hoje que o tema do diálogo entre as expressões religiosas é pauta de reflexões, debates, painéis, palestras, livros, teses. Ele nos circula e convoca a cirandar em um processo de construção e desconstrução de alguns conceitos e crenças que nos enraizaram em um mundo de pertencas religiosas definidas e, muitas vezes fechadas ao diálogo com as demais tradições religiosas.

Em função dessa temática, aqui estamos para uma convocação que nos chega pelas vozes das juventudes por meio de vivências que integram práticas, vidas, narrativas de tradições religiosas diversas. Essas vivências provocam uma revisão da percepção, da interpretação e, simultaneamente, processos de aprendizagem pessoal e comunitária.

Nossa reflexão tem por base os princípios e as práticas observadas especialmente nos movimentos de juventudes que articulam a fé e a política, a espiritualidade e a ética, a abertura para o transcendente e o enraizamento histórico. Apesar de talvez não possuírem visibilidade nas em muitas redes sociais, os movimentos juvenis crescem, se articulam, emergem e se agregam por todo o solo latino-americano.²

Acompanho os movimentos de Juventudes desde os anos 90 e, a partir de 2014 esta aproximação se tornou mais intensa e ganhando complexidade em termos de diversidade religiosa e de territórios espalhados pelo Brasil na construção e assessoria dos Encontros Nacionais de Juventudes e Espiritualidade Libertadora – ENJEL: uma atividade autogestionada que envolve juventudes que integram sua pertença religiosa e sua participação social e política. A partir da reflexão que brota de nossa assessoria e acompanhamento de alguns destes movimentos, comunidades e coletivos, convidamos para uma escuta atenta dessas experiências que brotam da vivência ecumênica, como construção comunitária processual e muito dinâmica.

¹ Rosemary Fernandes da Costa é doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, especialista no tema da Mistagogia, professora da Cultura Religiosa na PUC-Rio. Organizadora do livro *A Mística do Bem Viver* (2019), editado pela Senso, BH; e autora dos livros *Mistagogia hoje* (2014) e *A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém* (2015), pela Paulus, SP. Assessora a coordenação nacional do MEL (Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras)

² Podemos citar alguns para nossas referências: Bendita Mezcla, Cáritas America Latina e Caribe, Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude (Cajueiro), Centro Ecumênico de Serviços à Comunicação e Educação Popular (CESEEP), Conselho Nacional da Juventude Evangélica (CONAJE), Federación Universal de Movimientos Estudiantiles Cristianos en América Latina y el Caribe (FUMEC ALC), Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED), Juventude Franciscana (JUFRA), Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, Levante Popular da Juventude, Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras (MEL), Novas Narrativas Evangélicas, Pastoral da Juventude (PJ), Pastoral Luterana Popular, Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, Rede Nacional de Adolescentes de Jovens Comunicadores e Comunicadoras (RENAJOC).

A partir da teologia das religiões, depreende-se um convite à fraternidade entre as tradições religiosas. Essa compreensão se desdobrou na necessidade de atitudes que a concretizem como, o diálogo, a abertura às diferenças, a cooperação, a busca de metas afins, o respeito à originalidade, a atenção e denúncia de atitudes não dialógicas ou intolerantes.

Olhando por esse retrovisor encontramos registros de que o conceito de *oikoumene* surge pela primeira vez, no século V, em Heródoto. *Oikoumene*, no grego - 'terra habitada' ou 'habitantes da terra' -, se direcionava à necessidade de uma organização entre os habitantes. No sentido mais estrito, o termo possuía um caráter político, de organização, de gestão, de um cuidado comum e unificador.

Nos primeiros séculos da história do cristianismo, essa compreensão permanece com o caráter administrativo, mas com uma tonalidade mais religiosa, pois diante do contexto com muitas divergências doutrinárias e interpretações difusas, ela é usada como expressão de comunhão na mesma fé cristã. Os primeiros concílios ecumênicos são a busca de unidade na consolidação da doutrina cristã. Nessa intenção se realizou o concílio de Nicéia, em 325 e, mais adiante, o concílio em Constantinopla, em 381, no qual foi redigido um Credo completo, adicionando ao Símbolo dos Apóstolos as definições teológicas do Concílio de Nicéia.

A partir do século XVI, com rupturas entre os cristãos, o termo ganha um novo sentido e, de alguma forma, permanece até hoje: um sentido ético, de respeito à diferença e esforço de restabelecer a unidade rompida e manutenção da atitude dialógica. Mais adiante, no século XVII, após a reforma protestante, o significado religioso encontra fundamentos teológicos e propostas práticas que conduzirão ao ecumenismo como caminho concreto de diálogo e comunhão nas comunidades e nas igrejas separadas por suas interpretações e formas de viver a doutrina cristã.

A ideia de movimento ecumênico ganhou mais e mais dimensões, e uma delas foi a compreensão de que Deus é sempre maior do que as expressões culturais e religiosas que ousaram e ousam dar nomes ao sagrado e desenvolver teologias e ritualidades.

Deus sempre é maior. Há apenas um só Deus, de todos os nomes, e mais além e mais aquém de todos eles, Pai e Mãe de todos nós, vivido na diversidade das expressões religiosas das diferentes culturas e encontrado na natureza, no próprio coração e nos processos da história. Este Deus é o nosso Deus. Nossa fé ficou mais clara e queremos proclamar, agradecidos, esta descoberta. (Manifesto da Assembleia do Povo de Deus, Equador, 1992)

Nesse dinamismo, o conceito de ecumenismo passa por processos de discernimento tanto no âmbito das igrejas cristãs, como no diálogo com tradições não-cristãs.³ No decorrer desta trajetória o conceito de ecumenismo foi ampliado para além das profissões religiosas cristãs, para o que foi denominado como macroecumenismo. A partir da segunda metade do século XX, as religiões cristãs perceberam a necessidade de um diálogo entre elas e as grandes

³ Para aprofundar esse percurso histórico, indico o artigo de RIBEIRO, Claudio Oliveira e COSTA, Rosemary Fernandes. Perspectivas Teológicas da Igreja Católica Romana para o diálogo inter-religioso. In: **Atualidade Teológica**, 2024, fascículo 73. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/67155/67155.PDF>, acesso em 6 out. 2024

religiões do mundo. “O macroecumenismo, na prática, pressupõe uma evangelização que seja inculturada, isto é, apta a dialogar com “o outro diferente”.(VALLE, 2003)

O macroecumenismo propõe uma compreensão ainda mais ampla, capaz de abraçar a totalidade dos povos de Deus, despojando-se de preconceitos e reconhecendo a originalidade de cada expressão já existente, e ainda todas as possibilidades que podem vir, já que estamos diante de uma compreensão de que Deus é presente, atuante, movimento e assim, também, os povos em suas mais diversas linguagens e expressões.⁴

Retomamos mais uma vez o termo – *oikoumene* – que nos inspirará ao longo dessa reflexão, com a relevante pesquisa de Bosch Navarro.

O termo grego *oikoumene* pertence a uma família de palavras do grego clássico, relacionadas com termos referentes à morada, ao assentamento, à permanência. Eis alguns termos-raiz dessa família linguística:
oikos – casa, vivenda, aposento, povo;
oikeiotês – relação, aparentado, amizade;
oikeiow – habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado;
oikonomeô – administração, encargo, responsabilidade da casa;
oikoumene – terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo.
(BOSCH NAVARRO: 1995, 9-10)

Introduzimos a seguir um percurso reflexivo a partir da voz das juventudes. Apresentaremos cinco princípios que atuam na construção e vivência do ecumenismo com base em nossas reflexões, estudos e acompanhamento.

1. O face a face: aproximação e diálogo permanente

O primeiro princípio brota de uma pergunta que enraíza uma atitude ecumênica entre as juventudes - **o que temos em comum?**

Para tanto é preciso olhar, conhecer, aproximar, criar intersecções, reconhecer pontos em comum e pontos específicos. E como se faz isso? Nas rodas, nos diálogos, nas narrativas.

O olhar pessoal é convidado a perceber os pontos em comum e também as particularidades, reconhecendo-as como identidades legítimas e distintas. As formas de ver e experimentar o sagrado recebem nomes, cores, línguas, modos de viver e até compreensões diversas. E, nessa dinâmica, as identidades se encontram e percebem raízes que se tocam no mais profundo da terra, e no mais alto de sua copa. O ecumenismo brota como semente no solo fecundo da mesma humanidade.

⁴ Neste artigo, estamos apenas fazendo uma memória breve, pois encontramos trabalhos exemplares sobre esse tema, vasta bibliografia de especialistas que se dedicaram ao ecumenismo, à sua fundamentação e consequências práticas nas muitas comunidades espalhadas pelo mundo. Nossa intenção é apenas nos situarmos a fim de olharmos para a experiência de muitos grupos, coletivos, comunidades juvenis no momento atual. Para aprofundamento indicamos alguns: AMALADOSS, M. **Promover Harmonia**. Vivendo um mundo pluralista. São Leopoldo: Unisinos, 2006; KUNG, H. **Religiões do mundo**. Em busca de pontos comuns. Campinas: Verus, 2004; OLIVEIRA, P. R. e De Mori, G. (orgs.) **Deus na sociedade plural**. Fé, símbolos, narrativas. São Paulo: Soter/Paulinas, 2013; RIBEIRO, C.O. e SOUZA, D. S. **A Teologia das Religiões em foco**. Um guia para visionários. São Paulo: Paulinas, 2012; [11:06, 06/10/2024] Rose: 80. RIBEIRO, C. O. **O Princípio Pluralista**. São Paulo: Loyola, 2020; ROCHA, A. **Ecumenismo para o século XXI**. Subsídios teológicos para a vocação ecumênica de todo cristão. São Paulo: Fonte Editorial, 2011; TEIXEIRA, F. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014

Não se trata uma estratégia, mas de uma atitude ética presente nas dinâmicas de encontros e planejamentos. Experimentando um processo de superação da concepção de individualidade na direção da intersubjetividade. Estar em relação é se perceber em movimento, fecundado por muitas estruturas dialógicas de sua vida, desde os ancestrais, passando pelas relações familiares, sociais, econômicas, espirituais e avançando para as consequências dessas relações no futuro. Trata-se de uma configuração intersubjetiva, que considera as identidades originais e em diálogo aberto, escuta ativa, acolhedora e também interpelante.

A identidade possui seu lugar de raiz e pertença e, ao mesmo tempo, se percebe relacional, e a perspectiva ecumênica deixa de se situar no lugar do desejo, e se torna a grande presença provocativa nos pequenos e grandes encontros de juventudes.

Neste novo campo relacional, há uma postura de proximidade e não de isolamento ou de defesa de um certo campo de verdades. É prática e desafio, é vivência que interpela e provoca, é convocação e caminho.

E, afinal, *o que temos em comum?* Nos encontramos com o resgate de um centramento que está presente no cristianismo, no islamismo, no judaísmo, nas tradições orientais, nas tradições indígenas, nas tradições africanas. Enfim, o centramento na dinâmica amorosa. É ela quem convoca do mais profundo de si mesmo, ao olhar que encontra o mais profundo em cada ser e, com isso, a dialogia passa a simplesmente ser.

2. Ser comum+unidade

Apresentamos um segundo princípio presente nestas vivências ecumênicas: **a perspectiva enriquecedora do encontro.**

Parece que estamos falando do mesmo aspecto, mas ele é um desdobramento do princípio anterior. Ao se perceberem afins, ao se olharem em “comum+união”, ao identificarem intersecção de credos, gêneros, horizontes éticos e utopias, as juventudes investem nas estruturas dialógicas como seu principal espaço de construção e desconstrução de planejamentos, propostas de atividades e avaliações constantes.

Michel Amaladoss afirma que “*O único jeito de se viver em conjunto num mundo pluralista é aprender a viver juntos como comunidade.*” (2006, p.189). Ele nos apresenta o pluralismo como um dado de nosso tempo: pluralismo político, cultural, ideológico e religioso. Contudo, grupos fundamentalistas e intolerantes não apenas negam esse dado, como ainda resistem com instrumentos de dominação e construção de pensamentos hegemônicos. O autor aponta ainda que há outra forma de conviver com o pluralismo sem assumi-lo como caminho dialógico verdadeiro. Explicando melhor: o pluralismo fica limitado à esfera individual e aos direitos individuais e, com isso, as diferenças devem ser toleradas, mas não assumidas comunitária ou socialmente. Aqui não há um senso de comunidade. A defesa é individual, particular, sem responsabilidades coletivas e, muito menos, do Estado. (AMALADOSS:2006, 187-188).

O caminho das juventudes está sendo justamente o de construir vínculos sólidos, comunitários, redes de apoio, escuta, sororidade, fraternidade. Em suas múltiplas atividades se reconhecem e trabalham em rede, as diferenças não apenas são aceitas e reverenciadas, mas conduzem à trocas fecundas, construindo, por meio destas, novos significados.

3. Uma rede de solidariedade e ética

Essa construção nos conduz a um terceiro princípio mobilizador de um ecumenismo concretizado na ética de responsabilidade solidária. Se estamos juntos, se somos rede de apoio e complementaridade, também somos responsáveis uns pelos outros. Aceitar as diferenças e dialogar com estas é também firmar identidades, discernir eticamente e assumir juntos as causas em comum. É, mais uma vez, Amaladoss quem nos inspira afirmando que “*sentir-se em comunidade é experimentar um sentido de pertença e um sentido de responsabilidade mútua*”. (AMALADOSS: 2006,192)

O filósofo Habermas, ao analisar a capacidade de reflexividade e de intersubjetividade nos tempos atuais, pondera que é na interação comunicativa que os argumentos são apresentados, ou seja, as interpretações se dão nessa circularidade, no agir dialógico constante. Nas redes dialógicas das juventudes: há uma escuta profunda das narrativas particulares e também uma construção de significados compartilhados. (1987, pp. 189-190) É uma compreensão de comunidade de comunidades, de comunhão na diversidade.

O ecumenismo como vivência reconhece a igualdade de pertenças e direitos de forma respeitosa, mas também de forma substancial, reunindo todos os esforços para, através do diálogo e do discernimento ético, construir processos que assegurem a liberdade religiosa e sua integridade social, econômica e política. Na linguagem da filósofa Adela Cortina, se trata da integração entre os mínimos de justiça os máximos de felicidade. (CORTINA: 2008,148-150) Nessas vivências se torna incompreensível separar religião e vida, pois não há fronteiras. Se isolarmos essas duas dimensões igualmente legítimas, poderemos até ter estudos e conhecimento do significado do ecumenismo, mas distantes de seu caminho testemunhal e profético.

4. Um ethos comum, uma casa comum

Seguimos para mais um princípio presente no ecumenismo vivencial das juventudes, que consiste na compreensão de **unidade pessoa-comunidade-natureza** e, por isso mesmo, a conexão e o cuidado com a mãe terra, com a casa comum, como alerta o Papa Francisco.

É um princípio que tem por base a consciência da primazia da vida, de um ethos comum, do qual todos participamos, seres humanos e todos os seres, uma consciência da grande morada humana. Não existe nada fora dessa relação e da responsabilidade que provêm da consciência e da vivência em comunhão. Trata-se de empatia e corresponsabilidade ética local e global.

Sendo assim, os planejamentos e projetos dos movimentos de Juventudes, integram o cuidado com o ambiente com todas as demais dimensões: social, econômica, política, cultural, afetiva – trata-se do resgate de uma compreensão litúrgica na qual a terra, o chão comum, é o alimento e fonte da celebração - é a mística da terra. Esta é uma experiência concreta dos povos da terra, indígenas e quilombolas, que foi, em muitas culturas, perdida em função das práticas desenvolvimentistas e distantes do respeito ao ambiente natural.

Retomando nosso olhar para o termo – *oikoumene* – nos encontramos com o cuidado da casa comum, enfim, com a matriz referencial para o ecumenismo. É uma convocação para a cidadania mundial, para a grande morada humana e de todas as criaturas, a casa de todos, a casa comum. A morada de todas as criaturas é o planeta Terra, feito *ethos*-Casa Comum. A Carta Encíclica *Laudato si*: sobre o cuidado com a Casa Comum nos exorta a este desafio:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (LS 13)

5. O princípio mistagógico

Para concluir, identificamos a mística que atravessa e integra todos esses princípios e fazeres em “comum+unidade”. São experiências marcadas pela mistagogia, ou seja, pela ação de deixar-se conduzir pela graça misteriosa e amorosa de Deus, que vai tecendo um diálogo com cada pessoa, com cada comunidade.

Estamos em um campo em que a diversidade e a pluralidade religiosa se fazem presentes, mas também as noções de inspiração, de revelação, de caminho, de trajetória, de iluminação, presentes em muitas tradições. São noções que nos levam a um mesmo princípio, a sintonia com o “Espírito”.

Nessa sintonia, o “Espírito” divino conduz para o discernimento e para a relação. Ele conduz para o coração do ser, onde reside a busca pelo sentido da Vida, onde tudo está interligado, porque tudo é relação. Dessa forma, as trajetórias religiosas se unem na compreensão da voz interior, uma voz que convoca do mais profundo de cada ser humano, a uma resposta livre e pessoal ao Amor criador. A experiência pessoal é a experiência de ser habitado pelo sagrado (ou, para as tradições orientais, de ser o próprio sagrado; ou ainda, para os povos indígenas, de o sagrado estar presente em toda a natureza): um sagrado que orienta o pensar, o agir; um sagrado que é fonte de vida e que não se impõe, mas convida, propõe, aguarda o tempo necessário, é amoroso e livre. Chamamos toda essa experiência de mistagogia.

Este é um princípio integrador de todos os demais. É experiência mística vivida na experiência humana de quem acolhe e se deixa mover pela dinâmica relacional por meio de atitudes de comunhão, de escuta, de criatividade, de diálogo.

Considerações finais

Enfim, apontamos através dessa reflexão uma forma própria de viver o ecumenismo. Essa vivência é reconhecida pelas juventudes por um termo semelhante, mas que carrega uma novidade, que aqui buscamos apresentar: a ecumenicidade. A ecumenicidade é o estado do que é ecumênico, é a vivência, é a integração entre o pensar e o agir, é a mística que inspira, aquece e movimenta. Ela pode estar nos espaços institucionais, ela pode estar nos espaços não institucionais, porque é livre para voar.

Estas experiências entre as juventudes nos interpelam e nos convocam a retomarmos as fontes mais puras e profundas dos caminhos do diálogo. Elas nos convidam a um caminho talvez não tão simples diante da complexidade das estruturas que nos envolvem, mas, com certeza, um caminho gratificante porque fundante, amoroso, e abraçado pela graça divina que tudo permeia e orienta.

Raimon Panikkar, um dos mestres do ecumenismo, usou a expressão *ecumenismo ecumênico*. O Manifesto da Assembleia do Povo de Deus nos fala do ecumenismo como uma descoberta na qual começamos a despojar-nos de nossos preconceitos e abraçamos com muitos braços e muitos corações o Deus Único e Maior.

A experiência de acolhida do sagrado é também uma experiência de humildade, de contingência e, quando nos percebemos em uma busca em comum, o Mistério que nos reúne, nos convoca a cirandarmos em uma mística que principie nessa atitude de contemplação e reverência, atitudes que nossas juventudes nos convidam a vivenciar.

Para reflexão:

1. Se as tradições religiosas possuem o desejo de comunhão e solidariedade, como é possível mobilizar estratégias nesta direção e, ao mesmo tempo, superar as dificuldades provenientes de atitudes de separação e intolerância?
2. Ressalte 2 aspectos nesta reflexão que considera mais relevante para nosso tempo.

Referências Bibliográficas:

- ASSEMBLEIA DO POVO DE DEUS, **Manifesto da Assembleia do Povo de Deus**. In: Agenda Latino-Americana, Quito, Equador, 1992. Disponível em: <http://archivosagenda.org/pt/deus-tem-um-sonho>, acesso em 28 de agosto de 2024
- AMALADOSS, Michael. **Promover Harmonia. Vivendo em um mundo pluralista**. São Leopoldo: Unisinos, 2006
- CORTINA, Adela. **Aliança e Contrato. Política, ética e religião**. São Paulo: Loyola, 2008
- HABERMAS, Jurgen. **Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la acción e racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987
- NAVARRO, Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995. Citado em TEIXEIRA, Faustino e MOTA DIAS, Zwinglio. **Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. A arte do possível**. Aparecida: Santuário, 2008
- ORTEGA, Bianca. **Ecumenicidade do Bem Viver**. In: COSTA, Rosemary Fernandes e SANTOS, Felipe Rocha. **A mística do Bem Viver**. Belo Horizonte: Senso, 2019
- PANIKKAR, Raimon. **Dialogo interculturale e interreligioso**. Culture e religioni in dialogo – Tomo 2. Milano: Jaca Book, 2013.
- PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si. Sobre o cuidado da casa comum**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va>, acesso em 28 de abril de 2019.
- VALLE, Edenio. **Macroecumenismo e diálogo inter-religioso como perspectiva de renovação católica**. In: **REVER (Revista de Estudos da Religião)**, São Paulo: PUC, 2003.